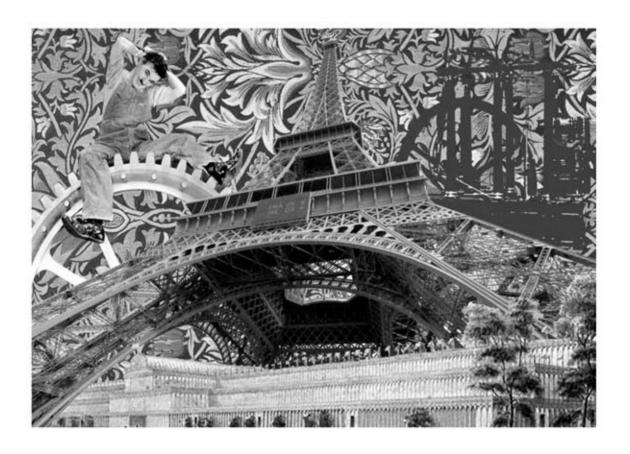
PLUGGED: inserção mecânica na arquitectura da revolução industrial à revolução digital

Liliana Carvalho



102 JOELHO #01

"O meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e forma das acções e associações humanas" (McLuhan, 1995: 23).

Ao longo dos tempos, esta afirmação ganha cada vez mais sentido e torna-se uma constante realidade quotidiana. Apesar de relacionada particularmente com um discurso mediático¹ e com a sua perene veracidade, apliquemo-la da mais remota época industrial até à contemporaneidade, no mundo da informação e do protagonismo informático. Isto porque pretendo destacar o que penso ter sido o principal motor destes últimos dois séculos: a máquina. O intuito de decifrar este paradigma surge da curiosidade da relação que esta tem com o Homem em geral e com o arquitecto em particular.

Citando Karl Marx pelas palavras de Anthony Giddens: "para fazermos a História, temos de compreender a História" (Marx apud Giddens, 2006: 16), proponho uma breve passagem pela época industrial até à actualidade na procura de um melhor entendimento desta interacção amor/ódio pela máquina. A arquitectura é esculpida pela história social e política, por isso é uma pertinente disciplina de estudo nesta pesquisa. Através da análise da metamorfose arquitectónica verificada até aos dias de hoje, pretendo compreender o actual panorama após a inserção deste novo factor, que denomino Plug-in.²

A máquina surge na Revolução Industrial como um "acelerador" do método de produção tornando-o mais eficiente. Os produtos passam a ser produzidos em grande número e mais rapidamente, permitindo uma diminuição dos preços, e estimulando o seu consumo. A substituição da mão-de-obra pela máquina teve como consequência a diminuição do custo de mão-de-obra e a sua falta de qualificação: o trabalho dos operários das fábricas era sistematizado e repetitivo, os trabalhadores eram "programados" para uma tarefa mecânica e não especializada.³

Para o "indivíduo industrial", a dependência da máquina assume um nível económico. No entanto, não se preocupando com a teorização desta dependência nem a percepcionando a 100%, o Homem reage mais ao sistema que a máquina provocou na sociedade, do que à própria máquina-objecto. A incompreensão que resulta da acelerada inserção deste novo factor traduz-se inicialmente numa arquitectura com apetência mecanicista. La beauté rattionelle4 era a expressão usada para definir a "beleza" da máquina

que tão bem caracterizava o funcionalismo industrial da época - como "afirma" a Torre Eiffel em Paris, por exemplo. Se inicialmente a máquina se transforma em "musa de inspiração" na arte de construir e projectar, posteriormente é associada à destruição do ideal de obra única pela sistematização que cria no processo de produção de um edifício. Partimos do princípio que, na época em questão, os termos máquina e indústria eram indissociáveis, quando transportados para um panorama arquitectónico: desde a produção de novos materiais, à sua estandardização, ao seu transporte até a formalização do edifício.

- I Os media como meio de extensões do Homem, Marshall McLuhan.
- 2 Se um plug-in consiste num programa de computador que interage com a aplicação já existente neste, com intuito de fornecer uma função "on demand", a máquina como plug-in surge como uma nova função "on demand" adicionada à Arquitectura (aplicação existente).
- 3 Esta "programação humana" é posteriormente retratada na obra cinematográfica de Charles Chaplin - The Modern Times (1936).
- 4 Acerca de um trabalho desenvolvido por Paul Souriau em 1904 e mais tarde, num artigo da Revue d'Esthétique, o seu filho - Etienne Souriau - descreve a doutrina defendida por seu pai; ele desenvolveu um trabalho intitulado la beauté rationnelle (apud Francastel, 2000: 45).

103 JOELHO #01